

O discurso profético

The prophetic discourse

Sandson de Souza Costa¹
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
sandson314@gmail.com

Edgley Freire Tavares²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
edgleyfreire@uern.br

RESUMO: Este artigo analisa o discurso profético proferido por líderes religiosos no contexto dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023 no Brasil, recortando como fontes discursivas vídeos publicados na plataforma *YouTube*. A partir de uma abordagem que articula a teoria do discurso com aportes da retórica clássica, buscamos compreender como os enunciados proféticos operam simultaneamente como dispositivos de persuasão e tecnologias de poder e verdade. No campo discursivo, a fundamentação retoma formulações de Michel Foucault sobre o poder pastoral (Foucault, [1977-1978] 2008), a formação de racionalidades (Foucault, [1969] 2007) e a produção de regimes de verdade (Foucault, [1976] 2021), observando como os enunciados constroem um universo simbólico no qual o político é transfigurado em território de disputa espiritual. O discurso profético, neste cenário, expressa e estrutura formas de ver, sentir e agir, constituindo sujeitos e práticas marcadas por uma racionalidade *teopolítica*. Ao ativar o imaginário religioso como campo de legitimação da violência simbólica e material, os pastores em suas posições discursivas reposicionam a figura do profeta como sujeito vetor na produção de efeitos de verdade e na convocação à insurreição política.

Palavras-chave: Discurso profético; Retórica; Poder pastoral; 8 de janeiro.

ABSTRACT: This article analyzes the prophetic discourse delivered by religious leaders in the context of the anti-democratic acts of January 8, 2023, in Brazil, using videos published on the YouTube platform as discursive sources. Through an approach that combines discourse theory with elements of classical rhetoric, we seek to understand how prophetic utterances operate simultaneously as instruments of persuasion and as technologies of power and truth. In the discursive field, the theoretical foundation draws on Michel Foucault's formulations on pastoral power (Foucault, [1977-1978] 2008), the formation of rationalities (Foucault, [1969] 2007), and the production of regimes of truth (Foucault, [1976] 2021), observing how these utterances construct a symbolic universe in which the political is transfigured into a territory of spiritual dispute. In this context, prophetic discourse expresses and structures ways of seeing, feeling, and acting, shaping subjects and practices marked by a theopolitical rationality. By activating the religious imaginary as a field for legitimizing symbolic and material violence, pastors in their

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

² Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

discursive positions reposition the figure of the prophet as a key agent in the production of truth effects and in the call to political insurrection.

Keywords: Prophetic discourse; Rhetoric; Pastoral power; January 8.

Introdução

A análise que aqui se propõe parte de enunciados produzidos por pastores evangélicos brasileiros no período que compreende, em seus limites temporais, o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023. Tais enunciados, veiculados predominantemente na plataforma *YouTube*, tomam como objeto os acontecimentos políticos que se desdobraram a partir da derrota do candidato à reeleição Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de outubro de 2022, particularmente os atos de contestação dos resultados eleitorais que culminaram na invasão e depredação das sedes dos três poderes da República em Brasília, em 8 de janeiro de 2023. Este acontecimento, amplamente documentado pela imprensa ³ e por registros audiovisuais produzidos pelos próprios participantes dos atos, consistiu na invasão do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal por manifestantes que, alimentados por discursos de deslegitimação do processo eleitoral e de convocação à ação direta, promoveram a depredação do patrimônio público e a manifestação aberta de ruptura com a ordem democrática institucionalizada.

Provocados pela exibição do documentário “Profetas do bolsonarismo: Como a religião foi usada no 8 de janeiro” que trata a desinformação operacionalizada por pastores bolsonaristas (Fellet, 2023)⁴, veiculado pela BBC Brasil, empreendemos esta investigação que, sobremaneira distinto no que tange ao enfoque de objeto e análise, preocupa-se com os regimes de verdade e as tecnologias de poder que atravessam os enunciados proféticos, analisando as formas pelas quais estes constituem sujeitos e mobilizam condutas no período que antecedeu e sucedeu os atos de 8 de janeiro de 2023.

O *corpus* de análise compreende vídeos publicados por dois líderes religiosos assumidamente vinculados ao bolsonarismo: Reginaldo Rolim, apóstolo e fundador do Ministério Atalaia do Deus Vivo, ex-vereador de Fortaleza; e Sandro Rocha, pastor evangélico e presidente da Igreja do Porto de Cristo. Ambos mantêm canais na plataforma *YouTube* com expressiva audiência – aproximadamente 127 mil inscritos no canal de Rolim e 693 mil no de Rocha – e produzem conteúdos regulares que articulam pregações religiosas com comentários políticos, frequentemente estruturados na forma de revelações proféticas, sonhos e visões de cunho escatológico. A seleção destes enunciadores justifica-se pela sua atuação efetiva nos espaços de mobilização bolsonarista, seja através da presença física em acampamentos diante

³ Nessa matéria conferem-se nuances sobre o acontecimento: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjrw2p89veyo>. Acesso em: 7 out. 2025.

⁴ Disponível em: Acesso em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-65579242>. Acesso em: 7 out. 2025.

de quartéis militares, seja mediante a produção discursiva que alimentou as expectativas de intervenção militar e de ruptura institucional.

A abordagem metodológica filia-se aos pressupostos da Análise do Discurso, particularmente nas formulações e em noções teórico-metodológicas que, a partir de Michel Foucault (2007; 2008; 2021), examinam as condições de produção dos discursos, as relações de poder que atravessam as práticas enunciativas e os regimes de verdade que legitimam determinadas formas de dizer enquanto excluem outras. A este aporte teórico acrescentam-se categorias analíticas da retórica clássica, em diálogo com pressupostos conceituais de autores como Ricoeur (2010), Weber (2005) e Sloterdijk (2019).

O objetivo que percorre este trabalho consiste em examinar as estratégias retóricas e os efeitos de verdade do discurso profético, observando as formas pelas quais este se articula à esfera política nos pronunciamentos dos pastores analisados. A questão que orienta a investigação pode ser formulada do seguinte modo: de que maneira as estratégias retóricas e os efeitos de verdade do discurso profético se articulam à esfera política nos pronunciamentos de pastores no contexto do 8 de janeiro? Para responder a esta questão, procede-se à análise das materialidades discursivas, examinando as regularidades linguísticas, as construções enunciativas e os dispositivos de sentido que caracterizam a discursividade profética no contexto examinado.

No interior das formas discursivas do bolsonarismo (Costa; Tavares, 2023), a figura do profeta-pastor emerge como procedimento que funda um antagonismo na gramática do “nós contra eles”, lógica do antagonismo constitutivo do ser político (Mouffe, 2015). No interior desse campo religioso-político, o outro – político, ideológico ou religioso – é destituído de sua condição histórica e política para ser nomeado e atacado como inimigo, expressão do mal, do engano e da insuportável diferença. No bojo de seu imaginário, a democracia perde seu valor plural e passa a ser vista como um campo corrompido. Esse exclusivismo teológico-político funciona como, uma *ratio pastoralis*⁵ (Foucault, 2008) extremista que, sob a aparência da fé, justifica a violência como expressão da justiça divina. O profeta, nesse jogo designa os inimigos e legitima o chamado “combate espiritual”.

Para Foucault (2021), toda forma de poder se articula à produção de verdades. E no que consiste, então, a verdade do discurso profético? Como provoca Nietzsche (2005), a convicção de que a verdade é mais valiosa do que toda e qualquer forma de aparência constitui uma suposição moral. No contexto do bolsonarismo religioso, essa dinâmica encontra espaços para

⁵ “Razão pastoral”, do latim.

investidas nas enunciações proféticas difundidas por pastores que, carregados de autoridade espiritual, assumem as regras de um fazer como portadores de uma verdade moral revelada. A convocação de fiéis para a batalha espiritual, comum em cultos e transmissões ao vivo, é, sobretudo, dispositivo de mobilização política. Cabe-nos, portanto, ao *modus* foucaultiano, perguntar em outra direção: qual a singularidade da ordem do discurso profético?

Considerando esse quadro traçado, no próximo tópico discutiremos a constituição histórica dessas formas discursivas, no intuito de problematizar não só as suas condições de possibilidade de emergência, mas também teorizações conceituais. Na sequência reproduziremos transcrições de vídeos dos pastores para então realizarmos a análise da circulação e, em particular, da formulação linguística nas materialidades enunciativas.

Discurso profético: contornos conceituais

O discurso profético, em sua formulação clássica, é aquele que se enraíza na experiência da revelação da verdade divina (Patriota; Dantas, 2024). Ele emerge, historicamente, das escrituras hebraicas, na figura do ‘*navi*’⁶ – o profeta como porta-voz de Deus, convocado para denunciar a injustiça, anunciar o juízo e conclamar à conversão. No entanto, a profecia constitui uma forma discursiva atual, performática e política, atravessada por jogos de verdade, regimes de autoridade e tecnologias de poder, o que implica dizer que não se limita a categorias arcaicas de acusação.

Segundo Weber (2004), o profetismo pretende revelar um tipo específico de enunciação religiosa que instaura certa ruptura com a tradição, pela autoridade carismática e pela pretensão de transformar a sociedade. Conforme o autor explica, “o carisma profético significa sobretudo a capacidade de compreender *Iahweh*”⁷ (Weber, 2004, p. 343). Em sua tipologia das formas de dominação, Weber (2004) diferencia o profeta do sacerdote, estabelecendo que aquele atua a partir de uma revelação pessoal e direta, enquanto este é um representante institucional da tradição religiosa. Para ele, o profeta é aquele portador de carisma puramente pessoal, que proclama uma doutrina religiosa ou ética como enviado de seu deus ou como exemplo, e que exige dos outros fé em seu carisma.

⁶ A palavra “*navi*” (נָבִי) vem do hebraico bíblico e significa “profeta”. É usada no Antigo Testamento (*Tanakh* para os judeus) para designar aqueles que falam em nome de Deus, ou seja, que recebem e transmitem revelações divinas ao povo.

⁷ O termo *Yahweh* (ou *Iahweh*), forma latinizada do Tetragrama hebraico YHWH, é utilizado para designar o nome próprio do deus de Israel na tradição bíblica hebraica.

Nesse sentido, a definição weberiana dá enfoque ao caráter carismático do profeta, cuja autoridade deriva mais da convicção de sua audiência quanto à veracidade de sua missão divina e menos de um cargo ou de uma hierarquia estabelecida. O discurso profético, dessa forma, emerge como a expressão de uma vocação individual inspirada, que demanda obediência por parte dos ouvintes com base na legitimidade percebida da mensagem. O autor também distingue entre duas formas de profetismo: o *profetismo extático*, relacionado a experiências visionárias ou de transe, e o *profetismo ético*, que se caracteriza pela proclamação de exigências morais dirigidas à comunidade. Esta última forma é mais diretamente associada ao discurso profético como expressão antagônica da ordem social vigente. Isto porque

O sentimento de dignidade das camadas socialmente recalcadas ou dos estamentos valorizados negativamente (ou, certamente, não positivamente), em comparação, se alimenta mais facilmente da crença de que uma “missão” especial lhes foi confiada: seu dever garante o seu rendimento funcional ou constitui seu valor característico, a fim de que se desloque, então, esse valor, para o outro mundo, para uma “tarefa”, que lhes foi confiada por Deus (Weber, 1989, p. 96-97).

Dessa maneira o discurso profético não se limita a anunciar eventos futuros ou a declarar visões celestiais, ele, por outro lado, articula-se como uma linguagem normativa, que denuncia “injustiças” e convoca a transformações da conduta coletiva. Essa função ética e reformadora está no cerne do que o autor chama de *profetismo ativo*, cujos agentes intervêm diretamente nos valores e comportamentos sociais, buscando moldá-los conforme os desígnios divinos pelo profeta revelados. Com isso, a autoridade carismática repousa na devoção à santidade ou exemplaridade de uma pessoa, e às ordens que ela revela (Weber, 2013). Essa perspectiva ganha força menos pela lógica racional ou da legalidade institucional do que pela adesão subjetiva à figura do profeta enquanto mediador entre o sagrado e o mundo social. Essa adesão é intensificada pela carga emocional do discurso, sua estrutura performativa e seu apelo moral radical. Ainda em acordo com a perspectiva weberiana, a definição do ser profético passa pela primazia da vocação pessoal como elemento decisivo na identificação de alguém como “portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandamento divino” (Weber, 2004, p. 303).

Essa distinção é fundamental para compreender o discurso profético como um conjunto de enunciados na acepção de Foucault (2007). Isto porque são performances que seguem as regras de uma prática discursiva produtora do acontecimento discursivo de ruptura com a institucionalização da fé e cuja função é constituir um ato de revelação, denúncia e convocação que conjuga essas formas a outras racionalidades políticas, religiosas e culturais em seu domínio

discursivo associado. Dito de outro modo, o profeta atualiza a doutrina, não limitando-se a repetição, mas reinterpretando a palavra divina diante das urgências históricas do seu tempo e dos jogos de saber e poder em curso. Sem perder de vista o método da crítica das fontes históricas (Foucault, 2007), diremos que essa urgência histórica passa pelo enfrentamento de supostas forças malignas atribuídas a políticos da esquerda brasileira, como ser correlato, o avesso antagônico e configurador das tensões de forma e de sentido no interior da formação discursiva bolsonarista.

Em Paul Ricoeur (2006) a compreensão do discurso profético pode se dar sobretudo em sua reflexão sobre o símbolo, a narratividade e a dimensão ética do discurso religioso. Ricoeur parte de uma filosofia da linguagem que compreende a profecia como um modo de dizer que reconfigura a realidade, articulando história e uma expectativa escatológica ancorada nas imagens do fim dos tempos. Isto implica dizer que “o profeta denuncia as infrações da aliança e anuncia o castigo; ele reata, portanto, com a origem ética do mal, e isso é decisivo” (Ricoeur, 2006, p. 298). O profeta, portanto, é aquele que interpreta a história de um povo à luz de uma exigência ética transcendente, produzindo um tipo de discurso que denuncia o mal presente e anuncia uma nova possibilidade de existência. Essa dupla função – denúncia e anúncio – é constitutiva do discurso profético. Nesse sentido, o discurso profético atua como mediação entre a memória de uma promessa – aliança – e a projeção de um futuro possível – esperança metafórica messiânica.

Com efeito, se por um lado a tipologia weberiana permite compreender a especificidade da autoridade profética (a saber, o carisma pessoal versus institucionalização), a hermenêutica ricoeuriana adota o caráter metafórico pelo qual a revelação reconfigura a realidade. Ambas, contudo, são aqui mobilizadas como ferramentas conceituais para dizer *o que* do discurso profético – do que se constitui –, articuladas à análise das condições de produção da verdade revelada, para então examinar as formas pelas quais os enunciados proféticos constituem sujeitos e mobilizam condutas e dizer *o como* – como funciona e se formula – dessas discursividades, a partir das teses foucaultianas.

Retomando Ricoeur, o autor aprofunda em *A metáfora viva* sua hermenêutica da profecia como gênero discursivo que, por meio da metáfora e da imagem, abre novos horizontes de sentido e provoca o ouvinte à transformação (Ricoeur, 2005). Isto considerando que, conforme Santos e Pacheco (2018, p. 1198), “a linguagem oferece a garantia de acolhimento da *revelação* como *palavra (mot)* inacessível e faz com que o homem decida por essa como um dom gratuito. Ela redescreve a realidade, mas a escutando por meio de uma linguagem metafórica e dos símbolos”. Nesse sentido,

A metáfora depende de uma semântica da frase antes de concernir a uma semântica da palavra. A metáfora só é significante num enunciado – é fenômeno de predicação. [...] O que não é um desvio da significação literal ou própria das palavras, mas o funcionamento mesmo da predicação no nível de todo enunciado (Ricoeur, 2007, p. 170).

A metáfora é vista como um vetor hermenêutico, ou seja, ela rompe com a linguagem literal para criar uma tensão poética que obriga o leitor ou ouvinte a reinterpretar o mundo⁸. Considerando esse quadro traçado, resta-nos ainda, salientar que a palavra profética não é uma atitude crítica, no sentido estrito do rigor ou do diálogo. Isso, em concordância com o fato de que

a palavra profética começa com uma postura intervencionista e termina com uma postura absolutista: ela contradiz o que determinadas pessoas fazem e dizem em determinadas situações – em contraposição, nada pode contradizê-la, dado que alega provir de uma esfera destituída de reflexão e segunda opinião. [...] Ela põe fim a qualquer debate, ao dizer o que é e o que deve ser. [...] ela vem a ser a palavra final, não dramaturgicamente proferida diante de espectadores, mas escatologicamente diante do Supremo (Sloterdijk, 2016, p. 126).

Essa tensão permanece nas formas atuais do discurso profético, sobretudo quando apropriadas por lideranças religiosas em contextos de crise política. Contudo, a profecia deixa de ser definida menos como uma visão de futuro do oráculo para tornar-se enunciado performativo da verdade que instaura realidades, define inimigos e mobiliza afetos. Para efeitos de delimitação, o discurso profético pode ser entendido como uma prática histórico enunciativa que combina três dimensões centrais: a) a autoridade da origem (a fala vem de Deus); b) a urgência da convocação (há uma ação exigida do público); c) a produção de efeitos de verdade (o profeta fala o que é e o que será).

Visto isso, é uma forma discursiva ancorada em um “ethos” inspirado, ou seja, em uma imagem de si como instrumento divino. Como aponta Foucault (1996, p. 10) “o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo [...]”. No discurso profético, o sujeito toma posição e se inscreve como alguém escolhido, separado do mundo comum, dotado de uma visão especial que os outros não possuem.

Essa estrutura retorna nos discursos de pastores bolsonaristas que afirmam ter recebido sonhos, visões ou mensagens de Deus. Como afirma Derrida (1974, p.134), “o profético é

⁸ Assim como para Ricoeur (2005), em *Making the Heavens Speak: Religion as Poetry* (2020), Sloterdijk propõe uma leitura das religiões como expressões teopoéticas, ou seja, como formas literárias e artísticas que utilizam dispositivos estilísticos para comunicar mensagens transcendentais. Essa abordagem permite compreender a profecia como uma construção poética que busca conferir sentido à experiência humana por meio de simbolismos linguísticos.

sempre o lugar da decisão sem garantia: ele afirma como quem não duvida”⁹. A convicção, na esteira desse pensamento, é menos resultado de prova e mais de vocação. Ao mesmo tempo, o discurso profético atual assume uma forma profundamente midiaticizada, em que o púlpito se torna vídeo, o sermão vira *live*, e a revelação circula como conteúdo viral:

O que ficava confinado às esferas da liturgia e dos cerimoniais concentra-se agora na mídia e, por meio dela, difunde-se e penetra em cada instante e em cada âmbito, tanto público quanto privado, da sociedade. A democracia contemporânea é uma democracia inteiramente fundada na glória, ou seja, na eficácia da aclamação, multiplicada e disseminada pela mídia além do que se possa imaginar (Agamben, 2011, p. 259).

Com efeito, o profeta contemporâneo já não habita nos limites do templo, ele fala ao vivo, é compartilhado, comentado, remixado. O discurso profético, portanto, não pode ser analisado estritamente como expressão religiosa; ele deve ser considerado um dispositivo de subjetivação e de poder, que articula linguagem, jogos de verdade e agenciamento de condutas. Em sua dispersão, essa forma discursiva convoca, ordena, orienta e atua na formação de identidades coletivas e no acionamento de paixões políticas. Seu funcionamento depende, como antes enfatizamos, não da verificação racional e sim da potência afetiva da fé e do carisma. Assim, na articulação entre teologia, política e mídia, o discurso profético funciona como vetor de uma *razão pastoral* contemporânea, em que a verdade é enunciada com base na inspiração divina, e o engajamento político se apresenta como dever espiritual. Como ordem do discurso produtora de laços de identificação e afetos que destorcem o próprio ser político pela via do conflito e do ódio à diferença, a função enunciativa profética soa como uma racionalidade, ainda que seus efeitos muitas vezes não encontrem correspondências com as estruturas do vivido. Como aponta Duarte (2022, p. 294), “o que o profeta produz é da crença. É ela que transforma. [...] A profecia segue um padrão de ações irracional, mas porta racionalidade”.

No centro da articulação entre religião e política na discursividade bolsonarista, emerge uma forma específica de condução dos sujeitos que atualiza o poder pastoral (Costa; Tavares, 2023). Diferente das formas soberanas ou disciplinares de poder, o pastorado, tal como proposto por Michel Foucault incide sobre a condução das condutas pela produção de verdades e pela gestão subjetiva da salvação: “o poder pastoral é uma forma de poder que organiza uma relação individualizante e totalizante, ao mesmo tempo” (Foucault, 2008, p. 135).

O funcionamento desse poder encontra no discurso religioso sua principal engrenagem. Quando transferido para o campo político, o pastorado torna-se tecnologia de mobilização das

⁹ Tradução nossa.

massas, sustentado por uma verdade revelada que não admite contestação. No caso do bolsonarismo evangélico, a verdade profética é apresentada como origem e fim da ação política¹⁰. Como afirma Nietzsche (2012, p. 77), “a ‘verdade’ converte-se num poder, assim que a liberamos como abstração”. Nesse horizonte, a convicção que o pastor toma para suas profecias, e consequentemente passa aos seus fiéis, torna-se prova de autoridade espiritual, mesmo que desprovida de qualquer verificação empírica ou lógica.

O discurso pastoral, neste contexto, age como fonte de verdade. A palavra do pastor se desloca do *status* da enunciação de sua fé e se funda no imperativo. Conforme destaca Foucault (2008, p. 210), “o poder pastoral [...] exige um saber total sobre o indivíduo e se exerce por meio de uma verdade que conduz, dirige, salva”. A salvação, aqui, é política, o saber inequívoco e a verdade, absoluta.

É precisamente este mecanismo que permite que a retórica profética opere como vetor de subjetivação. O pastor, nesse funcionamento, interpreta o mundo, o nomeia, o classifica, e orienta seus fiéis a agirem conforme essa ordenação simbólica, tal como afirma Deleuze (1992, p. 219): “o poder já não age pela interdição ou pela lei, mas pela incitação, pela indução, pela modulação contínua”. Nesse sentido, a discursividade profética, ao proclamar o “levantamento dos valentes” ou a “ira de Deus sobre os inimigos da nação”, modula afetos e constrói identificações ou representatividades coletivas que se confundem com uma base moral teocrática.

Em acordo com Sloterdijk (2010) essa análise pode considerar que o discurso religioso, em sua forma mais intensa, mobiliza o que ele chama de “economias de raiva”. A pregação profética bolsonarista se inscreve numa lógica cujo sistema discursivo canaliza afetos negativos contra figuras eleitas como inimigas (a esquerda, o STF, o comunismo), legitimando a violência sob a justificativa de purificação espiritual. Assim, o pastorado bolsonarista acaba por funcionar como uma forma de governo das almas e dos corpos, e o discurso profético se torna operador dessa maquinaria afetiva e política.

Tecnologias do profético: da revelação à insurreição

A partir de agora, analisaremos algumas materialidades oriundas de transcrições de vídeos publicados por pastores que se autointitulam profetas. Entre os líderes religiosos estão

¹⁰ “Aquele que aceita esse tipo de mensagens como verdades pode convencer a si mesmo de que está participando antecipadamente da grande visão a partir do fim” (Sloterdijk, 2019, p. 10).

Reginaldo Rolim – também autointitulado apóstolo – e o pastor Sandro Rocha, partícipes efetivos dos protestos pró-bolsonarismo, seja presencialmente ou por meio virtual. Os pastores postavam vídeos regularmente no período que compreende o antes, o durante e o depois das eleições de 2022, dando visibilidade no debate público falas/pregações que agenciaram o discurso profético – de acordo com as formulações discutidas neste trabalho – e fomentaram os conflitos sócio-políticos do país em batalhas espirituais através de suas revelações.

Reginaldo Rolim é um líder religioso brasileiro e ex-vereador de Fortaleza, conhecido como apóstolo e fundador do Ministério Atalaia do Deus Vivo. Assumidamente bolsonarista, ele tem ganhado visibilidade por suas transmissões ao vivo no *YouTube*, nas quais compartilha mensagens proféticas e interpretações espirituais, frequentemente com foco em eventos políticos e sociais. No *YouTube*, o canal oficial de Reginaldo Rolim, APÓSTOLO REGINALDO ROLIM¹¹, possui atualmente cerca de 127 mil inscritos. Com demasiada frequência, o *apóstolo* publica em seu quadro *Live profética*.

Eu vi que Bolsonaro não ganhava eleição e quem ganhava a eleição, quem estava lá, era Lula. Só que na realidade Lula não ganhava essas eleições. Quem ganha na realidade é Bolsonaro. Só que os jornais e as matérias iriam dar que Lula tava ganhando as eleições [...] eu via que o exército é que tomava a frente e entrevistava nas eleições e divulgava algo que estava em oculto e que estava sendo tramado há muito tempo (Transcrição de trecho do vídeo “Pastor relata sonho de reviravolta nas eleições brasileira, 22/10/2022”)¹².

Na descrição inicial Rolim traz à tona uma “conspiração invisível”, onde os resultados das eleições seriam uma realidade oculta, manipulada por forças maiores e não o que os jornais divulgam. Essa metáfora da “realidade oculta” e do “exército tomando a frente” sublinha uma estrutura de poder que se move nas sombras, como um mecanismo que ainda não foi revelado ao público. Portanto, o uso dessas revelações espirituais intensifica a sensação de que o que está sendo dito é uma verdade superior, além da política e da percepção humana. Não obstante, o trecho transcrito materializa a retórica profética como ação centrada em modalizações do verbo “ver”, justamente como esse olhar a mais, possível apenas ao ser escolhido e detentor de uma verdade alheia aos olhos e aos sentidos comuns, e não é por outra razão, também, que seja “nesse fluxo performático e emocional que se estabelecem a autoridade e o reforço da crença na profecia” (Campos, 2011, p. 1026). Na materialidade da formulação linguística também é possível observar a presença de orações subordinadas causais e consecutivas (“eu vi que

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@apostoloreginaldorolim>. Acesso em: 7 out. 2025.

¹² Repostado pelo canal “Chegou o fim dos tempos”. O vídeo original foi deletado da plataforma. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNgJRzm3QA0>. Acesso em: 7 out. 2025.

Bolsonaro não ganhava eleição”, “os jornais iriam dar que Lula tava ganhando”). Esse uso tem como um de seus efeitos ativar a lógica interna da narrativa profética: encadeando causas e consequências como uma sequência – quase – inevitável e revelada. Somado a isso, o encadeamento por meio de conjunções (“e”, “só que”, “mas”) também cria um fluxo de continuidade emocional, típico de discursos orais com mobilização dos afetos (Koch, 2003).

Esse discurso emerge em um contexto de tensão política no Brasil, com forte polarização nas eleições de 2022, nas quais Bolsonaro e Lula se enfrentaram. Portanto, a alegação de uma *realidade oculta* e da “intervenção do exército” sugere uma desconfiança extrema nas instituições democráticas e no sistema eleitoral. A crítica às narrativas dominantes nos meios de comunicação é comum em discursos bolsonaristas, no interior dos quais se ouve constantemente a afirmação de que a verdade está sendo escondida do povo. Tomando a perspectiva foucaultiana (2021) de que a construção da verdade é sempre imersa em relações de saber e poder, pode-se dizer que, no caso analisado, a verdade que ele divulga se articula como uma pretensão de verdade que está além do alcance da mídia e da política e que, por se declarar portador privilegiado dessa verdade, exerce poder sobre um determinado saber que é, ao mesmo tempo, religioso e político.

Ao sugerir que Lula está sendo imposto pela mídia e que Bolsonaro é, na verdade, o vencedor, o enunciador cria uma dualidade entre o que é proclamado pela sociedade secular (a mídia e as eleições) e o que é revelado pelo poder divino. Essa oposição se alinha com uma retórica de orientação apocalíptica. Tal visão é apresentada como a única via de acesso à verdadeira realidade. Vale insistir, portanto, na ideia de que a *pastoralidade* atua através da revelação de uma verdade transcendente (Foucault, 2008). Como dissemos, o uso predominante de verbos de percepção (“eu vi”, “eu via”) materializa, como um de seus efeitos de sentido, a pretensão de autenticidade e testemunho direto. Essa é um recurso básico no discurso profético: “há doravante um ‘eu’, porque há um ‘tu’ a quem o Profeta se dirige em nome de Deus. O ‘tu’ que é convocado torna-se o ‘eu’ que se acusa” (Ricoeur, 2006, p. 103).

O elemento do exército intervindo nas eleições e divulgando o que estava em oculto introduz uma conexão entre o poder militar e o poder espiritual, outra correlação constitutiva do bolsonarismo. Esta *teocracia militarizada* reflete um movimento discursivo que busca legitimar a intervenção do Estado por meio da esfera religiosa. Com efeito, a ideia de que algo foi “tramado há muito tempo” atrai um tom conspiratório do discurso e a sensação de uma batalha invisível em andamento, algo predestinado e, lembremos, fora do alcance das instituições democráticas tradicionais.

[...] e vi também que o governo do PT há muito tempo colocou instrumentos, sabe? Mas eu não via como seres humanos, eu via como espíritos, como demônios [...] que os demônios entravam dentro de instituições no governo brasileiro, tanto no poder judiciário [...] e que Lula fez um pacto com ele, mas eu não vi o Lula, eu vi um espírito (Transcrição de trecho do vídeo “pastor relata sonho de reviravolta nas eleições brasileira, 22/10/2022”).

Aqui, o enunciador faz a transição de uma crítica política direta para uma explicação sobrenatural. A alegação de que demônios ocuparam as instituições políticas, como o Poder Judiciário, é uma imagem forte nessa discursividade. O efeito metafórico de substituição de Lula por um espírito demoníaco reconfigura o *humano* em sobrenatural e manifesta uma despersonalização do inimigo – uma técnica de distorção que torna o adversário uma encarnação do mal e não um adversário político. Isto, considerando que a repetição de estruturas verbais com efeitos anafóricos (“eu via, “eu não via”, “eu vi”) e o uso de orações subordinadas explicativas intensificam a sensação de narrativa testemunhal. Uma estratégia enunciativa fortalecida pela modalização na primeira pessoa do singular. No plano das formas linguísticas, deste modo, fica construído o ethos do locutor como alguém que revela mistérios.

O discurso materializado por Rolim circula dentro de uma bolha digital de bolsonaristas e fervorosos apoiadores, onde é amplificado em canais que prezam pela verdade divina e pela oposição às instituições democráticas. A circulação desse tipo de conteúdo é facilitada pelo fenômeno das *fake news* e da intensificação emocional através das redes sociais, como apontam Patriota e Dantas (2024). Dessa forma, as mensagens buscam mobilizar afetos e construir engajamento e não se limitam a se situar no plano das redes de informação.

[eu vi] que esse espírito fazia um pacto com outros espíritos, para que esse espírito que estava representando a pessoa de Lula, assumisse a presidência da república. Um pacto era que em troca nenhum dos senadores eleitos iria conseguir *impeachmar* nenhum ministro do supremo [...] e que o poder das trevas era muito forte sobre o poder da República Federativa do Brasil e os poderes (Transcrição de trecho do vídeo “pastor relata sonho de reviravolta nas eleições brasileira, 22/10/2022”).

A ideia de um pacto demoníaco que garante a permanência do poder do PT através da impossibilidade de *impeachment* constitui uma crítica à própria estrutura política do país, visto que a concepção de “poder das trevas” permeia o discurso e é menos uma crítica ao governo do que uma alegação de que as forças espirituais malignas governam as instituições do Brasil. Ou seja, além de detratar a política secular, transfere-a para um nível espiritual. Como efeito, esse recurso de santificação da própria causa e demonização do adversário é, como aponta Mouffe (2015), uma estrutura semântica regular da prática política e um aspecto importante do poder pastoral, conforme Foucault (2008) explica.

A construção sequencial pelo uso de orações subordinadas causais e consecutivas gera uma sensação de determinação histórica e espiritual: os eventos ocorridos são encadeados por forças superiores. Isso quer dizer que, em outras palavras, o uso contínuo da conjunção “que”, além de sustentar a progressão narrativa, também pode consolidar o caráter *revelatório* do discurso, em que cada informação emerge como um desdobramento necessário da anterior.

Não há nenhum silogismo ou argumentos lógicos mais ou menos esboçado, há apenas uma sequência de visões espirituais que se impõem aos que escutam, com atenção e fervor, como verdades reveladas. Dessa forma, o próprio encadeamento sintático entre as orações naturaliza e fortalece a narrativa profética – a ligação contínua dos eventos (pacto, impedimento de *impeachment*, fortalecimento das trevas) reproduz, nas formas gramaticais, a progressão do caos escatológico narrado.

A partir de Weber (2019), o discurso profético é aqui entendido como uma forma carismática de autoridade religiosa, que se manifesta por meio da fala inspirada de indivíduos dotados de uma missão transformadora. Isto visto que “chamamos de carisma uma qualidade extraordinária (real ou suposta) de uma personalidade, que a distingue das pessoas comuns e é tratada como dotada de poderes ou qualidades sobre-humanas, sobrenaturais ou, ao menos, excepcionais [...]” (Weber, 2019, p. 245). Assim, essa fala tem um forte componente ético e político, sendo frequentemente dirigida contra os poderes estabelecidos, em nome de uma justiça superior. A autoridade carismática, como complementa o autor, “repousa na devoção pessoal à santidade, heroísmo ou exemplaridade de um indivíduo e nas normas que ele revela ou institui” (Weber, 2019, p. 246).

Dessa forma, o discurso de Reginaldo Rolim, como uma tecnologia pastoral e profética, visa persuadir e engajar os fiéis em uma luta contra as forças do mal. Esse é um exemplo claro de como a religião, o poder político e a guerra espiritual podem se entrelaçar na construção de uma realidade compartilhada. Em outro vídeo ele diz:

eu vi que Lula não ganhava as eleições, Deus me levava em espírito nesse sonho no meio do quartel onde tinha dezenas e dezenas de militares [...] eu ouvia a conversa deles e era mais ou menos assim: “nós não podemos deixar que Lula assuma porque o comunismo vai se instaurar no Brasil”. [...] eu vi o sistema cair, o sistema do judiciário, legislativo e executivo, eu vi que eram destronados sobre a face da terra (Transcrição de trecho do vídeo “Sonho apóstolo Reginaldo Rolim dia 11/11/2022 Lula não assume a presidência”)¹³.

¹³ O vídeo original também foi apagado do canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OSXYMxd6Ca4>. Acesso em: 7 out. 2025.

A frase "nós não podemos deixar que Lula assuma porque o comunismo vai se instaurar no Brasil", atribuída a militares em uma visão onírica, representa o núcleo retórico de um discurso messiânico-político que justifica a ação militar como salvífica. Há uma mobilização intensa do medo – pathos –, pelo qual o comunismo é apresentado como ameaça existencial, evoca memórias históricas e fantasmas ideológicos.

O ethos do enunciador se coloca como testemunha espiritual de uma cena velada à maioria. Nesse contexto, a visão dentro do quartel e o acesso privilegiado à conversa dos militares serve como prova retórica de seu papel como "vidente" e intercessor do povo. Como descreve Foucault (2008), uma figura como essa detém uma autoridade pastoral, na medida em que visa guiar e advertir a comunidade em nome de uma verdade superior revelada. Em seu logos temos a manifestação de uma racionalidade escatológica que associa diretamente a ascensão de Lula ao colapso das instituições. Por sua vez, o efeito de enunciados como “eu vi” ou “eu vi que eram destronados” é o de construir o tom de testemunho do discurso, no qual a progressão dos eventos catastróficos é encadeada por meio de construções simples, carismáticas e fáceis de entender, daí porque as repetições morfossintáticas e as anáforas no discurso são centrais no discurso profético.

Na sua relação com o arquivo, a atuação do pastor e presidente da Igreja do Porto de Cristo, Sandro Rocha, pode ser vista também como representativa da formação do discurso profético. O pastor evangélico é igualmente conhecido por sua atuação nas redes sociais, especialmente no *YouTube*, onde compartilha conteúdos religiosos e comentários sobre temas políticos e sociais. Seu canal PASTOR SANDRO ROCHA¹⁴ possui aproximadamente 693 mil inscritos e mais de 271 milhões de visualizações acumuladas até abril de 2025. Desde sua criação, em 2013, o pastor publicou cerca de 3.370 vídeos, incluindo transmissões ao vivo, sermões e análises de eventos atuais. Era comum, em seus vídeos, *lives* e postagens em redes sociais, a utilização da bandeira do Brasil, fardamentos do Exército Brasileiro, bem como fotos do ex-presidente Bolsonaro. Ele atuava na greve dos caminhoneiros e nos acampamentos em frente aos quartéis militares. No *X* – antigo *Twitter* –, o pastor postou foto de uma explosão numa torre de energia com os dizeres “Pare de falar e tome uma atitude!” e as *hashtags* *#caminhoneiros* e *#intervençãoMilitar*¹⁵. Da mesma forma, era demasiada frequente a associação de acontecimentos políticos a narrativas espirituais.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@pastorsandrorocha>. Acesso em: 7 out. 2025.

¹⁵ A imagem e uma matéria a respeito podem ser acessadas aqui: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjrw2p89veyo>. Acesso em: 10 abr. 2025.

Eu vi o Supremo Tribunal Federal como se fosse no alto de um vulcão e embaixo era uma caverna muito grande [...] e embaixo tinham uns barris de pólvora, amarrados uns nos outros. E daqui de fora alguém acendia o estopim daqueles barris [...] gerou uma grande explosão, uma grande fumaça e quando essa fumaça se dissipou eu vi ali forcas como da história de Naamã, né? [...] eu via quatro forcas e quatro pessoas enforcadas (Transcrição de trecho do vídeo “sonho apóstolo Reginaldo Rolim dia 11/11/2022 Lula não assume a presidência”)¹⁶.

Neste trecho, também centrado na ação vidente, o enunciador mobiliza imagens de destruição e expurgo. A metáfora do STF no alto de um vulcão parece simbolizar uma instituição em posição elevada, mas instável, prestes a ruir. No registro de linguagem do enunciado, constrói-se uma sequência de coordenações (“e” + verbo) que inscreve uma regularidade na ação discursiva do pastor Rolim, algo que imprime certa fluidez à narrativa. Desse modo, o uso de verbos como “era”, “tinham”, “acendia” e “gerou” mantém coesão na narrativa e acentua a ideia de inevitabilidade da destruição do Supremo Tribunal Federal. Imagem regular nas formas discursivas bolsonaristas. A cena é de juízo final: fumaça, forcas, corpos.

A menção à história bíblica de Naamã (2 Reis 5)¹⁷ – um comandante sírio curado da lepra após obedecer à ordem do profeta Eliseu – introduz a ideia de purificação pelo sofrimento, agora transposta para o campo político. Percebe-se que esse manuseio de passagens bíblicas, situa-se como prova retórica indutiva na medida em que se almeja sustentar sua visão e melhor persuadir. As quatro pessoas enforcadas não são nomeadas, mas são identificáveis simbolicamente na dispersão do imaginário político nacional, o público é convidado a reconhecer no dizer a referência a juízes, ministros, políticos. O discurso não diz explicitamente, mas deixa entender, o efeito é certa eficácia performativa: ele mobiliza a imaginação do fiel para preencher as lacunas. Trata-se, portanto, de uma estratégia retórica sutil, mas poderosa.

Sob a ótica foucaultiana, o que se configura aqui é um dispositivo de produção da verdade baseado na revelação, onde o poder pastoral “desvela” a corrupção institucional e anuncia o juízo. Foucault (2008) lembra que o poder pastoral é aquele que cuida e pune, que faz viver e deixa morrer. A destruição do STF, com isso, é apresentada como parte de uma justiça divina que corrige e purifica.

Na sequência, o pastor afirma:

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OSXYMxd6Ca4&t=2s>. Acesso em: 7 out. 2025.

¹⁷ Conforme aponta Ricoeur (2007, p. 175), “A função do profeta é reativar a tradição, não a repetir. Ele fala a partir dela, mas contra os que a deformaram. Ele é memória viva e ruptura crítica”.

Deus me mostrou o povo todo na rua, o espírito de Deus vai trazer o povo pra rua. Eu vi todo o Congresso cercado pelo povo, numa grande manifestação e quem cuidava do Congresso não era a Polícia Militar, eram os soldados do Exército. E em dada altura daquele protesto, o povo começava a cantar o Hino Nacional e aqueles soldados viravam de costas e junto com o povo entravam no Congresso (Transcrição de trecho do vídeo “sonho apóstolo Reginaldo Rolim dia 11/11/2022 Lula não assume a presidência”).

Neste segundo bloco, a narrativa se desloca para uma cena de mobilização popular que culmina na invasão do Congresso, num ato de “libertação” espiritual. Pode-se observar a repetição do sujeito “o povo” e a predominância de verbos no pretérito imperfeito – “começava”, “virava”, “entravam” – que criam um efeito de duração, de processo em construção, como se o enunciador visse os fatos acontecerem diante de si, lentamente, com detalhes. Por outro lado, a coordenação de orações “e” + ação dita o ritmo contínuo, o que pode servir para atribuir a percepção da necessidade de ação coletiva. A substituição da polícia pelo exército como força de proteção do Congresso já sugere um deslocamento institucional. Mas o momento decisivo é quando os soldados “viram de costas” – sinal de ruptura com o Estado – e se alinham ao “povo”, assumindo o papel de libertadores. O Hino Nacional surge, nesse contexto da narrativa, como gatilho emocional e nacionalista, para ativar um sentimento de pátria tomada pela verdade divina.

Aqui, o pathos é de exaltação patriótica e esperança redentora. O ethos do enunciador permanece profético, mas agora como guia de uma insurreição autorizada por Deus. Quanto aos logos, há uma lógica teleológica – o movimento do povo é inevitável, predestinado, conduzido pelo “Espírito de Deus”. Discursivamente, essa passagem ativa o que Foucault (2008) denomina tecnologia da condução das almas, onde o pastor conduz o povo moralmente e fisicamente, na direção da verdade. Trata-se, desse modo, de uma convocação à ação política sob o signo do divino – uma *pastoralização* da revolta. Ao mesmo tempo, temos aqui a dissolução da legitimidade democrática, pois a instituição representativa (Congresso) só é válida quando redimida pelo “povo de Deus”. O pastor ainda conclui:

Eu vi um anjo e ele andava com uma espada por Brasília e ele andava arrastando aquela espada pela cidade [...] e ele entrava no Congresso. E algumas semanas atrás, eu tive uma outra visão e vi o mesmo anjo, e dessa vez ele levantava a espada e tava numa posição de ataque [...] eu vi ele entrando e tinha sangue no chão, eu vi sangue no chão. Eu vi um batalhão do Exército marchando na rua. E eu vou dizer uma coisa pra você: muita gente vai morrer. [...] o Espírito Santo disse claramente pra mim: irmãos vão matar irmãos, teremos uma revolução no Brasil, vai ser uma guerra (Transcrição de trecho do vídeo “sonho apóstolo Reginaldo Rolim dia 11/11/2022 Lula não assume a presidência”).

A terceira parte da fala intensifica o tom bélico e apocalíptico. A figura do anjo com espada, que primeiro apenas arrasta e depois ataca, pode ser compreendida como a corporificação da justiça divina. É possível visualizar a insistente repetição da estrutura “eu vi” seguida de substantivos ou orações reduzidas, o que constrói um efeito cumulativo da sua legitimidade enquanto profeta: cada “vi” funciona com um marcador do lugar de enunciação, de veracidade e progressão dramática e atesta o ethos de quem fala como testemunha ocular das revelações divinas. Dessa forma, a entrada no Congresso e a presença de sangue fixa no imaginário a ideia de punição – considerando que se trata de uma visão atestada não pelo pastor, visto que, embora dita por ele, a atribuição, no discurso profético, é dada ao próprio Deus. Dentro desse contexto, o exército se manifesta como força de execução da vontade divina. A declaração do Espírito Santo sobre uma revolução entre irmãos pode evocar a ideia de guerra civil – não necessariamente um caos, mas no bojo de sua construção discursiva, uma purificação. Isto considerando que “a profecia permanece como a voz daqueles que, ao reinterpretar a tradição, anunciam um futuro que julga o presente” (Ricoeur, 2007, p. 182).

Esse tipo de discurso, conforme Foucault (2008), ativa uma forma de poder que além de orientar condutas, incita-as com base em verdades inquestionáveis. É uma produção de verdade religiosa que atua sobre os corpos e as ações, convocando ao sacrifício e à ação violenta. A ideia de “irmãos matando irmãos” aciona, ainda, um repertório afetivo que desumaniza o conflito, prática que, com frequência, naturaliza a tragédia como consequência de uma disputa espiritual. Como observa Sloterdijk (2010), a religião politizada funciona pela conversão da culpa em missão. A guerra não é a culminação de uma revolução espiritual, com sangue, espada e expiação. Dito de outro modo:

Pode-se falar de interesses propriamente religiosos [...] quando [...], pelo menos em determinadas classes, surge uma demanda propriamente ideológica, isto é, à espera de uma mensagem sistemática capaz de dar sentido unitário à vida, propondo a seus destinatários privilegiados uma visão coerente do mundo e da existência humana, e dando-lhes os meios de realizar a integração sistemática de sua conduta cotidiana. Portanto, capaz de lhes *fornecer justificativas de existir tal como existem, isto é, em uma determinada posição social* (Bourdieu, 2009, p. 86, grifo nosso).

A fala de Sandro Rocha se insere na dinâmica do pastoreio político-religioso bolsonarista, no qual o profeta se apresenta como intermediário entre Deus e o povo, as instituições democráticas são tratadas como possuídas por potestades, através de um discurso performático e escatológico, estruturado em torno de visões, metáforas bíblicas, e imagens de

violência e redenção. Desse modo, suas profecias, além de informar os planos divinos, mobiliza afetos, legitima a ruptura democrática e a incitação à luta.

Em acordo com as postulações de Foucault (2008), o poder pastoral contemporâneo se desloca para além das igrejas, ocupando o espaço político e transformando a verdade revelada em estratégia de poder. O pronunciamento de Rocha, com efeito, ao fundir a religião como fonte divina para uma espécie de revolta, materializa a nova forma de religiosidade política no Brasil contemporâneo, na qual o apocalipse é arma e uma promessa possível.

Considerações finais

A análise da prática discursiva profética formulada por pastores no contexto dos acontecimentos de 8 de janeiro extrai um fenômeno discursivo que foge das formas discursivas tradicionais da pregação religiosa. Longe de serem manifestações de fé ou expressões de espiritualidade, essas falas constituem dispositivos de poder que estreitam limites entre o teológico e o político, entre a revelação e práticas extremistas. O profeta-pastor do bolsonarismo, nesse liame, anuncia um tempo escatológico e convoca os fiéis à atuação no presente histórico como agentes da vontade divina, ainda que essa atuação implique insurreição, ruptura da ordem democrática ou adesão à violência como forma de “justiça” sagrada.

Essa discursividade está organizada por estratégias retóricas que são articuladas em torno de efeitos de verdade, mobilizando o pathos coletivo, construindo um ethos de autoridade espiritual e estruturando-se como um logos revelado que não se submete à lógica argumentativa secular na medida em que se mostra revelação divina na narrativa mágico-religiosa. A palavra profética, nesse contexto, produz tipos específicos de sujeito, constrói afetos, estrutura crenças e legitima comportamentos diante do mundo.

Sob a lente foucaultiana, esses discursos evidenciam o funcionamento de uma racionalidade pastoral que exerce pressão subjetivadora por meio da condução, na voz e no carisma do pastor enquanto figura do poder que guia, aconselha, prescreve e, sobretudo, produz verdade. A verdade, nesse caso, é revelada, é afirmada com autoridade e fé na autoridade. Nesse sentido, o poder pastoral nas formas atualizadas do discurso profético, constitui-se pela individualização do saber e pela salvação das almas – contudo, neste contexto, essa salvação é transformada em mobilização política, e a individualização se transmuta em massificação insurrecional.

A descrição dos enunciados analisados aponta que formas linguísticas como "eu vi" ou "Deus me mostrou" estão estruturadas como mecanismos de legitimação pelas visões do outro mundo: o sujeito da oração (o pastor) se apresenta como depositário direto da revelação divina, e os sintagmas nominais ("o Supremo Tribunal Federal", "um anjo com espada", "o povo nas ruas") introduzem o conteúdo da visão como se fosse uma descrição factual, não um enunciado fortemente carregado de valorações ideológicas, de saber e de poder. Essas estruturas dão condições de possibilidade ao efeito de verdade de seu discurso, considerando que, no fio do discurso e historicamente, produzem uma suposta eliminação das marcas de subjetividade, parcialidade e dúvida.

Em Sandro Rocha, essas construções se materializam para narrar cenas de explosão, enforcamentos e batalhas apocalípticas, enquanto em Reginaldo Rolim elas sustentam a construção de um tempo de intervenção espiritual nas instituições brasileiras. Ambos os pronunciamentos se organizam em sequências sintáticas que anulam a distância entre visão e realidade, na produção de uma verdade que dá sentido a angústias e servem de mote para o confronto político.

Com efeito, a verdade profética que emerge dessa discursividade não se ancora em provas retóricas, em silogismos, mas em visões, revelações e sonhos – dispositivos de um saber que escapa à razão e se instaura como um regime de verdade próprio. Ao reposicionar as passagens bíblicas em contextos de crise política, esses pastores reformulam os sentidos do sagrado e produzem uma perspectiva do debate público, assumindo o lugar de intérpretes do presente. A Bíblia, portanto, é convertida em um campo semântico de guerra, e a revelação profética se torna um mecanismo de legitimação da sacralização da política que evoca os fiéis à insurgência em nome de Deus.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O reino e a glória**: uma genealogia teológica da economia e do governo. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 1013-1049, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2011.39654>

COSTA, Sandson de Souza; TAVARES, Edgley Freire. As formas discursivas do pastorado bolsonarista. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 40-61, 2023. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v5n1-2023-67976>

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. **Glas**. Paris: Éditions Galilée, 1974.

DUARTE, Luiz Sérgio. A Profecia. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v 25, n. 2, p. 294-302, 2022. Disponível em: <https://registas.ufg.br/teoria/article/view/74734/39421>. Acesso em: 7 abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Filipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MOUFFE, Chantal. **Sobre O político**. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. Tradução Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2012.

PATRIOTA, Karla; DANTAS, Rafael. *Fake* profecias: a desinformação embalada em mensagem divina nas eleições presidenciais de 2022. **REVER**: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 237-252, 2024. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2024vol24i1a14>

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2005.

RICOEUR, Paul. **A simbólica do mal**. Tradução Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2006.

RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e retórica do ódio**. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTOS, Ivanaldo Oliveira; PACHECO, Marcio Lima. A poética e a linguagem religiosa em Paul Ricoeur. **HORIZONTE** - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1197-1217, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2018v16n51p1197>

SLOTERDIJK, Peter. **Ira e Tempo**: ensaio político-psicológico. Tradução Mario Luiz C. Barroso. São Paulo: Boitempo, 2010.

SLOTERDIJK, Peter. **O zelo de deus**: sobre a luta dos três monoteísmos. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. **Pós-Deus**. Tradução Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SLOTERDIJK, Peter. **Making the Heavens Speak**: Religion as Poetry. Tradução Robert Hughes. Cambridge: Polity Press, 2020.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Tradução Walquíria Leão Rego. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução Mário Moraes. São Paulo: Martin Claret, 2013.

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais**: ensaios comparados de Sociologia da religião. Vol. 3 (O judaísmo antigo). Tradução Markus Gebhardt. Petrópolis: Vozes, 2019.

Recebido em: 29 de agosto de 2025
Aceito em: 19 de dezembro de 2025